

## **OS AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE E A CIDADANIA PLANETÁRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA EM FORMAÇÃO**

José Auricélio Bernardo Candido, UECE, [jabcauricelio60@hotmail.com](mailto:jabcauricelio60@hotmail.com), Geanne Maria Costa Torres, UECE, [gmctorres@hotmail.com](mailto:gmctorres@hotmail.com). Inês Dolores Teles Figueiredo, UECE, [ines\\_dolores@hotmail.com](mailto:ines_dolores@hotmail.com)

Eixo Temático: Projetos e experiências transformadoras para uma cidadania planetária (educação, saúde, economia, cultura, gestão etc).

### **RESUMO**

Este estudo descreve a utilização de oficinas como impulsionadora do processo de reconstrução do pensamento voltado à transformação pessoal para uma cidadania planetária. Trata-se de um relato de experiência a ser vivenciado por Agentes Comunitários de Saúde, no município de Horizonte/Ceará. Será utilizado a metodologia vivencial, reflexiva e dialógica, baseada nos cinco saberes do pensamento complexo: saber ver, saber esperar, saber conversar, saber amar, saber abraçar, de Humberto Mariotti. Nas oficinas, serão aplicados temas relacionados aos saberes. 1ª oficina – Temas: O que eu sou, quem sou, porque sou assim, identidade, autoconfiança, biocentrismo, transcendência; 2ª oficina – Temas: Emoções, medo, sentimento, razão, decisão, vínculos, caminhos; 3ª oficina – Temas: Planos, interesses, felicidade, sonhos, desejos, necessidade, expectativas, valores, projetos, presente, passado e futuro; 4ª oficina: Temas - Amor, bem coletivo, convivência, generosidade, respeito, liberdade, justiça, ética; 5ª oficina – Temas: Solidariedade, compartilhamento, contexto, grupo social, relações com o meio ambiente. Pelos resultados, espera-se que apontem caminhos à instauração de uma educação emancipadora dos sujeitos. Conclui-se que o pensamento complexo possibilita ambientes fecundos de idéias e reflexões, cria espaços educativos e dialógicos voltados para um novo pensar, agir e viver, ampliando a aptidão para contextualizar e globalizar os saberes superando as fronteiras disciplinares.

Palavras-chave: Agentes Comunitários de Saúde, Pensamento Complexo, Cidadania Planetária.

### **INTRODUÇÃO**

Desmistificar a educação tradicional vem sendo motivo de muitos estudos entre pesquisadores. Notadamente, após o Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenado por Jacques Delors, (UNESCO 2010), editado pelas edições UNESCO Brasil, intitulado “Educação: Um Tesouro a Descobrir”, estabeleceu-se os quatro pilares da educação contemporânea: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer, constituindo aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional de todos os países.

Com o objetivo de aprofundar a visão transdisciplinar da educação, Morin (2000) expôs suas ideias sobre a educação do amanhã através de “Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”: as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; e a ética do gênero humano - constituem eixos de sua obra.

Nessa perspectiva, amplia-se e transforma-se o ensino para uma abordagem transdisciplinar, vislumbrando caminhos para melhorias no processo de ensino-aprendizagem, fundamentado pela implementação de vivências pedagógicas que permitem novas e diversificadas formas de se aprender.

Segundo Delors (2010), os múltiplos desafios suscitados pelo futuro percebem a educação como um trunfo indispensável para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social.

A educação em saúde ao lidar com seres humanos requer estratégias voltadas não só a procedimentos técnicos, mas à visão holística para o tratamento das patologias do corpo e da mente. Desta forma, os princípios da teoria da complexidade servem de instrumentos de observação da realidade e revelam a defasagem conceitual da prática realçando concepções ancestrais na estrutura social, cultural/mental da sociedade moderna (SANTOS, 2008).

Frente a essa defasagem, torna-se necessário produzir mudanças para fortalecer o processo de educação em saúde e abrir novas projeções de aprendizagens, que contribuam para o sucesso do educando em sintonia com as transformações e conhecimentos que a sociedade impõe a cada dia.

É nesse aspecto que um processo transdisciplinar define explicitamente que o envolvimento do pesquisador e dos grupos envolvidos é fundamental para que a transformação ocorra no processo cognitivo dos participantes, transformando assim sua episteme e, conseqüentemente, sua forma de perceber e atuar (PALAVIZINI, 2012).

A saúde ao se encaminhar como proposta centrada na vida dos cidadãos poderá encontrar nas práticas interdisciplinares um espaço privilegiado para repensar teorias, para inovar as formas de pensar a saúde, a doença e a prestação de serviços, e se concretizar num movimento que aglutine o saber e os sujeitos desse saber (MENDES, 1996).

De acordo com Mariotti (2005) na área da saúde o pensamento complexo deve ser entendido como um modo de pensar que permite entender a complexidade e aprender a lidar com ela. É preciso entender a nossa condição humana de um ponto de vista complexo, pois o ser humano é simultaneamente físico, biológico, psíquico, social, cultural ambiental e histórico. Um dos grandes problemas das ações de saúde em nossa sociedade é a que as relações interpessoais, da subjetividade, dos sentimentos e emoções são colocadas em segundo plano.

A dinâmica das relações interpessoais, atentando para a subjetividade que permeia esse processo, torna-se essencial para reintegrar o que se encontra segmentado e compartimentalizado. Assim, o pensamento complexo pode ajudar cada indivíduo e a própria humanidade, fortalecendo as relações dialógicas e possibilitando maior compreensão das múltiplas dimensões de mundo favorecendo a superação do que Morin (2009) denominou de barbárie do conhecimento.

A cidadania constitui a razão de ser da civilidade, fomentada pelo fato de que os cidadãos compartilham um ideal de justiça, bem como um conjunto de valores, atitudes, condutas e compromissos, cujo denominador comum reside no fato de que, por debaixo de todas as nossas diferenças culturais, sociais e econômicas, existe um mesmo ar que se respira e uma mesma fonte que permite a vida e que rege também as leis da vida coletiva (MORAES, 2016, p.2).

Nesse contexto, a cidadania planetária tem a ver com a consciência, em que segundo Freire (2016) nossa história faz parte dela. Não estamos no mundo; viemos do mundo. A Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço e o mesmo destino. Ainda, menciona que educar para a cidadania planetária implica uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como espaço de inserção do indivíduo não numa comunidade local, mas numa comunidade que é local e global ao mesmo tempo. Para Moraes (2016, p.2)

...a cidadania planetária surge a partir de uma consciência que reconhece que, independente da nacionalidade e do contexto em que vivemos, estamos todos em um 'mesmo barco', habitando um mesmo planeta que necessariamente precisa ser cuidado, reconhecido, valorizado e amado. Para tanto, é preciso consensuar valores, princípios, atitudes e comportamentos comuns, sem os quais não daremos conta de enfrentar a crise sistêmica, ou melhor, a policrise que vem afetando e colocando em xeque a sobrevivência de nossa civilização.

Diante disso, resolveu-se realizar oficinas que despertassem no Agente Comunitário de Saúde a necessidade de reconstruir o pensamento voltado para transformação pessoal direcionado à cidadania planetária. Para isso, utilizou-se o texto de Mariotti (2002), intitulado “Os Cinco Saberes do Pensamento Complexo (Pontos de encontro entre as obras de Edgar Morin, Fernando Pessoa e outros escritores)”, que faz emergir por um ir e vir de incertezas, permitindo percorrer por um caminho inesgotável à construção de novos conhecimentos.

Assim, tem-se a produção de conhecimento fortalecida pelo pensamento complexo sob a égide da visão transdisciplinar, projetando às múltiplas dimensões do saber, que são referenciais que devem nortear e fortalecer a nossa prática, pois como diz Paulo Freire (2012): “onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender”.

Diante disso, o processo de educação em saúde torna-se primordial para transvasar ideias e reflexões, num processo contínuo de (des)aprender e (re)aprender sempre, potencializando a construção de novas aprendizagens. Posto isso, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de reconstrução do pensamento voltado à transformação pessoal para uma cidadania planetária direcionado a Agentes Comunitários de Saúde (ACS), no município de Horizonte, Ceará.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa de análise vivencial, reflexiva e dialógica, a ser realizado por meio de oficinas. Para Paviani e Fontana (2009), uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. E, ainda, acrescentam que sua metodologia muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão, ocorrendo a construção e a produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva.

Para o planejamento das oficinas foram realizados 5 encontros com a participação de dois enfermeiros e duas fisioterapeutas. Na estruturação das oficinas buscou-se utilizar temas relacionados aos cinco saberes do pensamento complexo: saber ver, saber esperar, saber conversar, saber amar, saber abraçar. Os encontros aconteceram no período de julho a novembro de 2015 no município de Horizonte - Ceará.

Nos encontros mensais, ocorridos pela manhã, selecionou-se temas que buscassem o conhecimento prévio dos participantes a partir de outros situados na contemporaneidade. Procurou-se, ainda, buscar uma reflexão das práticas pedagógicas a serem utilizadas que fundamentassem as idéias dos saberes e evidenciamos que alguns são necessários como: respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética, ética, risco, exemplo, aceitação do novo e rejeição a discriminação, aceitação da reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e emancipação da identidade cultura (FREIRE, 1996).

Assim, cada oficina foi constituída de espaços de aprendizagem, partindo da premissa de transformar o conhecimento prévio e os saberes em emancipação singular contemporânea:

1ª oficina – Temas: O que eu sou, quem sou, porque sou assim, identidade, autoconfiança, biocentrismo, transcendência.

Estes temas deverão ser abordados utilizando-se o pensamento complexo: “Saber Ver”.

Segundo Mariotti (2002) muitos autores perceberam que nossa existência era confirmada a partir do olhar do outro. Em várias tribos do Natal, na África do Sul, por exemplo, utilizava-se, para perceber sua própria existência, a expressão *Sawu bona* que significa “eu vejo você” e as pessoas respondiam com *Sikhona* que significa “eu estou aqui”.

Para ele, “Saber ver é antes de mais nada saber ver os nossos semelhantes. De fato, a localização anatômica dos nossos olhos mostra que eles estão orientados para ver o mundo, isto é, para ver o outro”.

Portanto, precisamos de uma reconstrução, precisa-se das noções de autonomia/dependência; da noção de individualidade, da noção de autoprodução, da concepção de um elo recorrente, onde estejam, ao mesmo tempo, o produto e o produtor. É preciso também associar noções antagônicas, como o princípio de inclusão e exclusão. É preciso conceber o sujeito como aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades (MORIN, 1996).

Passos da oficina:

- Dinâmica de apresentação do grupo. Utilizaremos para essa dinâmica, lápis colorido e papel, onde cada participante poderá fazer um desenho que simbolize a própria pessoa e, ao apresentar, expressar seus sentimentos abordando as palavras “o que sou”, “quem sou”, “porque sou assim”.

- Vivência intitulada de “Eu vejo você: Eu estou aqui”. Onde será utilizada uma música em que todos caminharão olhando-se nos olhos dos outros e cumprimentando-se pelas palavras do título da vivência.

- Finalmente os participantes deverão expressar os seus sentimentos em relação às situações pedagógicas apresentadas e que tipo de mudança as vivências proporcionaram para elas em relação ao contato com o “outro”.

2ª oficina – Temas: Emoções, medo, sentimento, razão, decisão, vínculos, caminhos.

Nesta oficina, utilizar-se-á o pensamento complexo: “Saber Conversar”.

De acordo com Mariotti (2002), “o que para nós é claro, pode ser incompreensível para o outro”. Tendemos a fazer julgamentos a nós mesmos pelas nossas intensões e não pelo resultado de nossos atos, o que nos leva a ser auto-tolerantes; se o resultado de nossos atos não é bom, nos defendemos dizendo não ser nossa intensão; porém quando algo não dá, mas é produzido por uma atitude de outra pessoa, torna-se difícil sermos tolerantes com o outro.

Estas atitudes nos geram medos, emoções, cautelas, sentimentos, razões, desconfianças, que nos dificulta a conversar de forma aberta sobre nossas intenções. Para Morin, esses sentimentos são ocasionados pelo desconhecido, pela imaginação do ser humano:

A zona de incerteza entre o cérebro e o ambiente também é a zona de incerteza entre a subjetividade e a objetividade, entre o imaginário e o real, e fica ainda mais aberta pela existência da brecha antropológica da morte e pela irrupção do imaginário na vida diurna (MORIN, 2000, p. 104).

Passos da oficina:

Dinâmica do Diálogo. Coloca-se uma música onde todos andam pela sala; ao parar a música as participantes se agruparão em duplas aleatórias; as duplas terão um tempo de cinco minutos para dialogarem sobre algo importante que aconteceu em sua vida; em seguida toca-se novamente a música, ao parar, as duplas formarão quartetos e elas dialogarão entre si, abordando o tema anterior e expandindo para que sentimentos o algo importante estão presentes em sua vida.

Após cinco minutos a música tocará outra vez e os quartetos se transformarão em oitetos e este novo grupo terá a missão de dialogarem sobre a vivência dos participantes, mas também dialogarão sobre que mudanças aconteceram

em si. Após vinte minutos um relator, escolhido voluntariamente no grupo, faz a explanação para o grupo e cada participante terá a chance de dizer de que forma a dinâmica oportunizou resgatar acontecimentos que foram marcantes em sua vida; de ver de que forma os outros reagiram diante dos fatos mencionados e que aprendizado/sentimentos eles estarão levando a partir desta dinâmica.

3ª oficina – Temas: Planos, interesses, felicidade, sonhos, desejos, necessidade, expectativas, valores, projetos, presente, passado e futuro.

Aqui, será trabalhado o pensamento complexo: “Saber Esperar”.

Ainda parafraseando Mariotti (2002): “não há nada mais difícil do que esperar. A exemplo do que fez com tudo mais, nossa cultura privilegiou a dimensão quantitativa do tempo”. Em outras palavras, o tempo medido é mais importante o que o tempo vivido.

A busca pela ajuda, pela compreensão do outro, pelo trabalho em equipe, pela solidariedade deve ser a tônica do pensamento de liberdade no mundo contemporâneo. Assim entende Morin (2009) quando diz: “o sentimento de uma comunidade de destino profundo, que liga as idéias de solidariedade e fraternidade. O laço entre complexidade e solidariedade não é mecânico. Uma sociedade muito complexa proporciona muitas liberdades de jogo a seus indivíduos e grupos”.

Passos da oficina:

Dinâmica: “Corrida de Carros”. Dividir o grupo em cinco subgrupos. Colocar para cada grupo o problema a ser resolvido baseado nas seguintes informações;

- Ferrari está entre os carros vermelhos e cinza;
- Carro cinza está à esquerda do Lotus.
- McLaren é o segundo carro à esquerda do Ferrari e o primeiro à direita do carro azul.
- Tyrrell não tem carro à sua direita e está logo depois do carro preto.
- O carro preto está entre o Tyrrell e o carro amarelo.
- O Shadow não tem carro algum à esquerda: está à esquerda do carro verde.
- À direita do carro verde está o March.
- Lotus é o segundo carro à direita do carro creme e o segundo à esquerda do carro marrom.
- Lola é o segundo carro à esquerda do Isso.

Corrida de Carros A Solução. - Shadow, cor azul; - McLaren, cor verde; - March, cor vermelha; - Ferrari, cor creme; - Lola, cor cinza; - Lotus, cor amarela; - Iso, cor preta; e - Tyrrel, cor marrom.

O organizador deverá estimar em vinte minutos para a solução do problema, porém esperará até que todos tenham terminado.

O objetivo não é terminar rápido, pelo contrário o grupo que mais demorar será o vencedor, pois teve mais tempo para dialogar e fazer um bom trabalho, sem se preocupar com o tempo cronológico.

Após a finalização da tarefa, cada grupo deverá dizer como foi o trabalho em equipe e qual a interferência do tempo sobre a atividade e correlacionar com o saber esperar.

4ª oficina – Temas: Amor, religiosidade, bem coletivo, convivência, generosidade, respeito, liberdade, justiça, ética;

Nesta oficina, será abordado o pensamento complexo: Saber amar,

Embasado nas considerações de Mariotti (2002): “Amar é algo que já se nasce sabendo. Em geral, os pais tentam educar as crianças para aperfeiçoá-las nesse saber. Procuram criar um ambiente onde elas tenham oportunidades de desenvolver aquilo para o qual nasceram, isto é, respeitar os outros e o mundo natural”.

A ênfase da aceitação de um ao outro na sua individualidade, no estabelecimento da relação construída a partir do diálogo evidencia o encontro amoroso entre as partes envolvidas.

“Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. [...] O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos (FREIRE, 1992, p. 43).

Nesta oficina, buscaremos evidenciar a religião como forma de religação do homem com o outro, mas também com a terra e com tudo que existe nela.

Há um vínculo inseparável entre este planeta, o ser físico, a biosfera e nós mesmos – não se vai reduzir um destes termos ao outro – e, a meu ver, é aqui que a palavra “religião” assume um sentido mínimo: o que liga. Devemos nos conscientizar de que estamos ligados à vida, de que a vida está ligada à Terra, de que a Terra está ligada ao seu Sol, e de que o próprio Sol está ligado a este imenso cosmo. Eis, a meu ver, a idéia fundamental... (MORIN, 2002).

Passos da oficina:



Utilizaremos a dinâmica: “O Cajado de bênçãos”. Nesta dinâmica, o facilitador faz uma breve explanação sobre o universo, a terra, Deus, religião e religiosidade; solicita que o grupo entre em concentração, colocando música suave e diminuindo a claridade do ambiente proporcionando um clima de relaxamento individual; em seguida solicita que cada um em contato com o cosmos e peça bênção a quem pode lhe proporcionar estar naquele ambiente aprimorando seus conhecimentos. É importante lembrar do respeito e da ética que todos devem manter, sabendo ouvir e entendendo o momento singular que cada pessoa vai vivenciar naquele momento. Concluída a dinâmica o facilitador solicita ao grupo que conte como foi vivenciar o momento da introspecção consigo e com a terra.

Em seguida, utilizaremos outra dinâmica vivencial em que os participantes novamente entram em concentração e relaxamento e passam a diferenciar os barulhos escutados fora e dentro do ambiente do estudo, fazendo uma relação entre o ambiente que nos rodeia e o ambiente em que estamos inseridos, relacionando a natureza e o ambiente de trabalho. Após a vivência todos terão a oportunidade de expressar seus sentimentos em relação ao aprendizado proposto pela oficina.

5ª oficina – Temas: Solidariedade, compartilhamento, contexto, grupo social, relações com o meio ambiente.

Nesta oficina, será trabalhado o pensamento complexo: “Saber abraçar”.

Ainda citando Mariotti, “para saber abraçar, é preciso antes saber amar”. Na perspectiva de dar continuidade aos temas propostos faremos uma relação ainda com o meio ambiente, ao amar e abraçar não só o outro, mas perceber a natureza, amar e abraçá-la também, sejam nos maiores ou menores gestos que vivenciarmos no cotidiano.

Desta forma, buscamos despertar a solidariedade como meio de sobrevivência do ser humano, evidenciado no pensamento complexo.

“Precisamos fundar a solidariedade humana não mais numa ilusão de salvação terrestre, mas na consciência de nossa perdição, na consciência de nossa pertença ao complexo comum tecido pela era planetária, na consciência de nossos problemas comuns de vida ou de morte, na consciência da situação agônica de nosso fim de milênio” (MORIN, 1995).

Passos da oficina:

Surge então a realização de uma roda de conversa em que gira em torno do questionamento, na perspectiva do pensamento coletivo: o que eu preciso ver no outro

para sentir vontade de abraçá-lo, isto é, tornar-me solidário com ele? Em seguida, fazendo a roda girar e contextualizaremos com o seguinte questionamento: preciso ver a mim mesmo, e é por isso que devo evitar projetar nele o que não desejo em mim?

Ao final do momento, deverá ser construída uma mandala com os principais pensamentos emergidos, construídos coletivamente, simbolizando a integração e harmonia. O abraço coletivo fortalecerá a exteriorização da existência, significando o bem, de bem com a vida e com o que nos rodeia.

Mariotti (2002) considera que o nosso ego funciona como o guardião dos condicionamentos de nossa mente. É o meio pelo qual pomos em prática a razão instrumental. Trata-se, como se sabe, de uma dimensão instituída, isto é, elaborada pelas necessidades da cultura. As pessoas que se empenham em um trabalho sobre si próprias, seja pela psicoterapia, sejam por outros processos, podem chegar a outra dimensão - o ego trabalhado - que se aproxima de um modo de viver não apenas mecânico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência de elaboração dos encontros para a realização das oficinas direcionadas para os Agentes Comunitários de Saúde, significou, para os envolvidos, a possibilidade de aprendizado, de articulação e, principalmente, a materialização de uma proposta direcionada aos saberes para uma educação planetária.

Nesse modo, ao compreender e aplicar os cinco saberes do pensamento complexo cria-se possibilidade de uma aprendizagem criativa, transformadora e libertária, onde se espera contribuir com a formação cognitiva dos Agentes Comunitários de Saúde estimulando-os a apoderar-se e empoderar-se como cidadãos planetários, na busca de transformar o mundo que os cerca.

Freire (2001) destaca, que o “homem é um ser histórico, constituído socialmente, que aprende por meio da interação com o seu meio: indivíduos pertencentes ao mesmo local e tempo”. Daí a importância de trabalhar o pensamento complexo com os ACS, por permitir saberes múltiplos para o fortalecimento da cultura da sustentabilidade, tornando-os capazes de imaginar um cidadão do mundo, que participa coletiva e democraticamente das tomadas de decisões em âmbito planetário.

O mérito do pensamento complexo consiste no fato de priorizar o enfoque transdisciplinar para abordar e propor estratégias, portanto, não é um pacote de

intervenções, mas um conjunto de reflexões elaboradas a partir de múltiplas dimensões (BORSATTO *et al.*, 2006).

Nesse contexto, a reflexão do conhecimento no espaço coletivo, possibilitará um processo de produção coletiva na busca de resgatar valores em vista a (re)inserção social, já que serão feitos questionamentos importantes como a ética, a solidariedade e a diversidade, direcionando profissionais da saúde para a educação com a responsabilidade da divulgação dos ensinamentos propostos para uma educação planetária que os possibilite utilizá-los em suas relações individuais, coletivas, na sociedade e na natureza buscando a melhoria da qualidade de vida.

## REFERÊNCIAS

BORSATTO, R. S.; OTTMANN, M. M. A.; FONTE, N. N.; MACEDO, R. B.; PALMA, S. L. O problema da fragmentação do saber na formação de engenheiros agrônomos e florestais. **Contexto & Educação**, v.73/74, p.143-159, 2006.

DELORS, J. **A educação ou a utopia necessária**. In: UNESCO, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization, Título original: Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twentyfirst Century (highlights). Paris: UNESCO, 1996. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira; Revisão técnica: Reinaldo de Lima Reis, 2010.

FREIRE, P. **Carta Pedagógica da Rede de Educação Cidadã- Acre**. Rede de Educação Cidadã. Rio Branco, AC, 2012. Disponível em: [http://recid.redelivre.org.br/files/2012/07/Carta\\_Pedagogica\\_\\_\\_Acre.pdf](http://recid.redelivre.org.br/files/2012/07/Carta_Pedagogica___Acre.pdf). Acesso em: 28 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Casa da Cidadania Planetária. Instituto Paulo Freire. São Paulo, SP. 2016. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/casa-da-c-planetaria>. Acesso em: 28 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e Extensão**. Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MARIOTTI, H. **Os cinco saberes do pensamento complexo** (Pontos de encontro entre as obras de Edgar Morin, Fernando Pessoa e outros escritores) 3as. Conferências Internacionais de Epistemologia e Filosofia. Instituto Piaget, Campus Acadêmico de Viseu, Portugal, abr, 2002. Disponível em:

<http://www.comitepaz.org.br/download/OS%20CINCO%20SABERES%20DO%20PENSAAMENTO%20COMPLEXO.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MENDES, E. V. **Uma agenda para a saúde**. São Paulo (SP): Hucitec; 1996.

MORAES, M. C. **Saberes para uma Cidadania Planetária**. Conferência Internacional Saberes para uma Cidadania Planetária. UNESCO, UCB, UECE. mar/2016, Fortaleza, Ce.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. In: UNESCO, United Nations Educational Scientific and Cultural Organization, Título original Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futur; Paris: UNESCO, 1999. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. **A noção de sujeito**. Em D. F. Schnitman (Org.), Novos paradigmas, cultura e subjetividade. Porto Alegre: Artes Médicas 1996.

\_\_\_\_\_. **Complexidade e liberdade**. Teoria da Complexidade. [website], 2009. Disponível em: <http://www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/teoriadacomplexidade/Complexidade-e-Liberdade.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Nomes de deuses: ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo, Editora da UNESP; Belém, PA: Editora da Universidade Estadual do Pará, 2002, p. 36.

\_\_\_\_\_. **O paradigma perdido**. A natureza humana. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000c.

\_\_\_\_\_. **O meu caminho**: entrevista com Djénane Kareh Tager. Lisboa: Instituto Piaget, 2009.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra pátria**. Editora Sulina, Porto Alegre, RS, 1995. PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, p. 77-88, maio/ago. 2009.

PALAVIZINI, R. S. Uno enfoque transdisciplinario a investigación-acción. **NUPEAT-IESA-UFG**, v.2, n.1, jan./jun., 2012, p.67–85, Artigo 21. Disponível em: <http://www.nuredam.com.br/files/divulgacao/artigos/20140-83899-2-PB.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2016.

SANTOS, A. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação** v. 13 n. 37 jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/07.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2016.